



ARS ET VERITAS: O PODER DO ESPETÁCULO FASCISTA EM ANDOR E EL SALVADOR

ARS ET VERITAS: THE POWER OF THE FASCIST SPECTACLE IN ANDOR AND EL SALVADOR

Christian Souza Pioner*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo estabelecer relações entre a série televisiva Andor, da saga Star Wars, e a situação sociopolítica em El Salvador, atualmente comandada pelo governo de Nayib Bukele. Para tanto, serão articuladas as considerações (i) de Mascaró acerca do microfísica do poder e o biopoder, de Foucault; (ii) de Marx e Carcanholo sobre o fetichismo da mercadoria — também articulado com o conceito de ideologia; (iii) que Debord tece sobre o espetáculo; e (iv) que Eco produz no que toca ao fascismo enquanto fenômeno político lato sensu. Espera-se com esta peça argumentativa compreender as dinâmicas políticas que levaram ao Estado de exceção liberal promovido pelo governo salvadorenho, bem como debater o papel da arte, sobretudo ficcional, no apontamento e crítica dos problemas das sociedades contemporâneas e na possibilidade de construção de alternativas para o futuro.

Palavras-chave: Biopoder. Espetáculo. Fascismo. Andor. El Salvador.

Abstract: This article aims to establish relationships between the television series Andor, from the Star Wars saga, and the sociopolitical situation in El Salvador, currently led by the government of Nayib Bukele. To this end, the following considerations will be articulated: (i) Mascaró's considerations on Foucault's microphysics of power and biopower; (ii) Marx and Carcanholo's considerations on the commodity fetishism — also articulated with the concept of ideology; (iii) Debord's considerations on the spectacle; and (iv) Eco's considerations on fascism as a political phenomenon lato sensu. This argumentative piece aims to understand the political dynamics that led to the liberal state of exception promoted by the Salvadoran government, as well as to debate the role of art, especially fictional art, in pointing out and criticizing the problems of contemporary societies and in the possibility of constructing alternatives for the future.

Keywords: Biopower. Spectacle. Fascism. Andor. El Salvador.

1. INTRODUÇÃO

A primeira temporada de Andor, série lançada pelo Disney+ em setembro de 2022, acompanha a trajetória de Cassian Andor, ladrão e catador de ferro-velho que,

*Historiador pela Universidade do Estado de Santa Catarina e graduando em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de iniciação científica, sob orientação do Prof. Dr. Franscisco Quintanilha Vêras Neto, na pesquisa *A dependência socioeconômica de El Salvador e o subdesenvolvimento dos direitos humanos em Abya Yala (América Latina)*. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9016028101476085>. E-mail: cspionertv@gmail.com.

após matar acidentalmente dois oficiais enquanto investigava o paradeiro de sua irmã caçula em seu planeta natal de Kenari, é levado a se envolver com uma das células constituintes da futura Aliança Rebelde – facção protagonista da primeira trilogia da saga Star Wars. Dividida em dois arcos, a temporada estrelada por Diego Luna apresenta diferentes ângulos de um conflito entre revolucionários pulverizados pelos sistemas solares e o Império Galáctico, fundado décadas antes em um golpe de Estado durante uma guerra civil e que importou da vida real diversas características ideológicas e visuais inspiradas nos fascismos que pululam pelo mundo.

Este ficcional cenário, de conflito entre o bem e o mal, enseja a reflexão acerca dos paralelos que podem ser traçados com situações deste lado da quarta parede. Um deles, em especial, soa quase como uma repetição da trama acima descrita – o caso do governo Nayib Bukele em El Salvador, à luz do desenvolvimento sócio-político-econômico do país, a instituição de um estado de exceção e a construção do maior complexo penitenciário do planeta, o *Centro de Confinamiento del Terrorismo (CECOT)*.

Para compreender os atravessamentos político-filosóficos dessas temáticas – bem como elas podem estar relacionadas – serão articuladas considerações teóricas fundamentais à sustentação do argumento desta peça, como as que: (i) Alysso Mascaro (2014) expõe sobre a *microfísica do poder e o biopoder* foucaultianos e a *ideologia* luckaciana, como expressões e ferramentas utilizadas na manutenção de relações de poder e controle individual e coletiva, respectivamente; (ii) Guy Debord (2005) desenvolve sobre o espetáculo como etapa superior da reificação das relações sociais a partir da massificação de tecnologias da informação; e (iii) Umberto Eco (2018) produz em *O Fascismo Eterno* para compreender como o fenômeno fascista se desenvolve na realidade, seja em sua atuação concreta de opressão, seja na construção de narrativas que promovam o esgarçamento do tecido social a partir da construção do medo da figura do “outro”.

Assim, neste trabalho, buscar-se-á apresentar em linhas gerais o cenário político que atualmente se desenrola no istmo centro-americano, o analisar à luz do cabedal teórico anteriormente referido e, finalmente, o tensionar com Andor, na tentativa de compreender as aproximações e os afastamentos que a realidade possui face a tal narrativa cinematográfica.

2. A SITUAÇÃO HISTÓRICA E ATUAL DE EL SALVADOR

Para compreender a dinâmica política salvadorenha atual, é necessário antes traçar um panorama histórico do cenário social que se desenvolveu no país nas últi-





mas décadas. Conforme aponta Vitorino (2012, p. 36–37), El Salvador é fortemente marcado pela migração enquanto elemento constituinte da identidade da população. Entre 1980 e 1992, a nação do istmo centro-americano esteve imerso em uma guerra civil entre os revolucionários da Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN) e o governo, controlado pela direita da Alianza Republicana Nacionalista de El Salvador (ARENA). Alternando entre períodos de alta e baixa intensidade de conflitos, a guerra foi palco de episódios como os bombardeios às zonas de ocupação da FLMN na capital pelo exército nacional e o Massacre da UCA¹ (Vitorino, 2012, p. 41). O fim dos conflitos ocorreu com a assinatura do Acordo de Paz de Chapultepec, em 16 de janeiro de 1992, no México. Para Vitorino, no entanto:

A finalização dos conflitos armados, especialmente aqueles que chegaram ao fim via assinatura de acordos de paz, casos de El Salvador e Guatemala, supunha a realização de uma série de reformas políticas e econômicas. Em outras palavras, não era necessário garantir apenas um armistício, mas, também, caminhar no sentido de eliminar as causas da guerra. O que ocorreu nos dois países, no entanto, foi uma reforma política parcial e uma reforma econômica que acabou por promover um novo modelo de acumulação de capital e exclusão social [...] (2012, p. 42).

A autora aponta que o fenômeno migratório de massa em El Salvador surge nesse contexto da guerra, à medida em que os jovens saíam do país visando fugir do recrutamento para qualquer lado da beligerância (Vitorino, 2012, p. 43). A imensa maioria foi para os Estados Unidos, lá permanecendo, documentados ou não, e passando a trabalhar em setores de baixa especialização, como no setor agrícola e de serviços. Contudo, a partir de 1996, com a adoção da *Illegal Immigration Reform* e do *Inmigrant Responsibility Act*, uma onda de deportações foi iniciada e, com ela, diversos salvadorenos retornaram para o istmo, incluindo aqueles ligados às *maras* (Vitorino, 2012, p. 43–44).

As *maras*, também conhecidas como *pandillas*, são organizações criminosas formadas sobretudo na Califórnia por este contingente de migrantes vindos da América Central na década de 1980. Com o retorno dos emigrantes a El Salvador, duas delas – Salvatrucha e a Barrio 18 – se estabeleceram no istmo e passaram a reproduzir a violência que compunha o rol de motivos para a emigração. Atuando principalmente com extorsão e lavagem de dinheiro, as *maras* tornaram-se rapidamente o maior problema de segurança pública de El Salvador, que na sucessão de governos de esquerda e direita foram, cada um a seu modo, incapazes de dirimir. Segundo o televisivo (Globo,

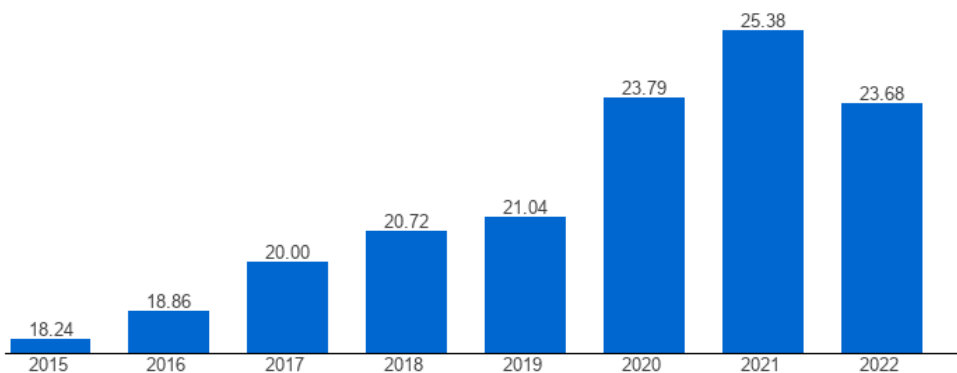
¹ Ocorrido em 1989, seis jesuítas e duas mulheres, entre eles o reitor, o vice-reitor e o diretor do Instituto Universitario de Derechos Humanos da Universidad Centroamericana José Simeon Cañas (UCA) foram assassinados em sua residência, no próprio campus da universidade, por oficiais do exército salvadorenho por sua vinculação com a esquerda (Universidad Centroamericana José Simeon Cañas, s.d.).



2024), em 2015 a taxa de homicídios do país foi de 107 para cada 100.000 habitantes, no Brasil, durante o mesmo período, a taxa foi de 28,89 (Ipea, 2024).

Aliado a essa violência, a situação econômica de El Salvador também é difícil. Ecologicamente o país mais degradado da América Central, boa parte dos salvadorenhos trabalha no setor primário e terciário, sendo quase inexistente a indústria nacional – apesar de esta ser ainda assim a mais desenvolvida do istmo. A situação se agrava quando considerado o fluxo migratório, de acordo com dados do The Global Economy (2022), em 2021, o fluxo de remessas enviadas ao país representou 25,38% do PIB, um novo recorde.

Gráfico 1: Remessas como porcentagem do PIB salvadorenho.



Fonte: The Global Economy (2022)

Devido à dependência cada vez maior desse fluxo de remessas, El Salvador dolarizou sua economia em 2001, substituindo o Cólon (¢) pelo fiduciário estadunidense. Com a eleição de Nayib Bukele, o governo realiza uma inovação jamais vista antes no mundo, a introdução de uma criptomoeda, o Bitcoin (BTC), como moeda de curso legal. De acordo com Braga (2023), a *Lei Bitcoin*, de 7 de setembro de 2021, instituiu em apenas 16 artigos a utilização de uma moeda descentralizada, ou seja, que não necessita de um terceiro para mediar as transações financeiras que ocorrem por meio desse sistema (Braga, 2023, p. 15–17). Para o governo, uma das justificativas para a introdução do BTC no país é a promover a inclusão financeira dos salvadorenhos, à medida que até 2022 “[...] apenas 28% da população tem conta em uma instituição financeira, sendo a menor porcentagem registrada para mulheres (24%) e pessoas da zona rural



(23%)” (Braga, 2023, p. 40), o que facilitaria o envio de remessas, sem a necessidade de instituições financeiras intermediadoras. Na direção oposta, uma das mais contundentes críticas contra a adoção do BTC é que sua alta volatilidade no mercado de capitais representa um risco não apenas individual como também coletivo:

Ao adotar o Bitcoin como moeda com curso legal, são introduzidos riscos consideráveis para a estabilidade financeira, a integridade financeira e de mercado e a proteção do consumidor. Além disso, um apoio público para garantir a livre convertibilidade do Bitcoin em dólares americanos cria um passivo contingente. Se o uso do Bitcoin aumentar significativamente, pode colocar em risco o regime de dolarização que provou ser uma âncora nominal bem-sucedida para a economia (FMI, 2022, p. 26 apud Braga, 2023, p. 48, *tradução livre*).

Atualmente, a adesão ao BTC ainda é baixa em El Salvador, devido ao baixo nível de instrução financeira e geral da população. Contudo, pode-se perceber como este movimento se encaixa em um panorama maior e mais dramático, haja vista que a dependência do istmo centro-americano e sobretudo da população salvadorenha da dinâmica político-econômica dos EUA reproduz diversos mecanismos de manutenção do subdesenvolvimento dessas regiões.

O intercâmbio desigual entre os Estados Unidos e a América Central produziu um nível de dependência que excede a esfera econômica e adentra na esfera política. O que se verifica não são apenas economias vulneráveis, mas Estados desmantelados que vêm perdendo, progressivamente, a capacidade de conduzir, de maneira autônoma, suas políticas (Vitorino, 2012, p. 26).

As desigualdades sociais internas, a violência e os problemas econômicos acabaram, no caso de El Salvador, no desenvolvimento de uma nova identidade nacional, marcada por vínculos estreitos com os EUA, desde a emigração e a necessidade de adequar-se ao mercado estadunidense, até a dependência econômica do país e financeira das famílias, que veem há duas décadas as imagens dos presidentes das Treze Colônias estampados nas moedas que utilizam cotidianamente.

Focando agora no governo de Nayib Bukele, em 3 de março de 2024, foi veiculada nacionalmente uma reportagem especial do Fantástico, da Rede Globo, acerca de como o governo recém-reeleito havia em apenas dois anos diminuído a taxa de homicídios do país para apenas 2,4/100.000 no corrente ano. De acordo com o televisivo (Globo, 2024), a resposta deu-se por meio de manobras políticas realizadas pelo chefe do Executivo face aos demais poderes. A primeira foi a mobilização da população e forças de segurança, em 2020, à frente do Congresso Nacional, durante uma sessão extraordinária por ele convocada para votar um empréstimo para um plano de segurança que até então não havia sido aprovado em razão da



composição do parlamento, a maioria era de oposição. Um ano depois, um novo parlamento foi eleito, o empréstimo aprovado e a composição da Corte Suprema de Justiça alterada com a anuência do Congresso.

Em março de 2022, Bukele anuncia a decretação de um Estado de Exceção, com vistas a dismantelar a MS-13 e a Barrio 18. Com previsão de terminar em um mês, o estado de exceção já se estende por dois anos completos. Conforme o jornalístico (Globo, 2024), foram presos até então 78.000 indivíduos, 21.000 deles possivelmente inocentes. Para possibilitar o processamento judicial se dá de maneira coletiva, em sessões virtuais em que são decretadas sentenças a salas inteiras cheias de detentos, sem observar, no entanto, as especificidades de cada caso. Conforme o próprio ministro da Justiça e da Segurança Pública do país, Gustavo Villatoro, o regime de exceção só será finalizado quando o último membro de facções for preso “[...] se houve dez, 100 ou 1.000 soltos, o regime vai continuar” (Globo, 2024).

Além disso, Bukele anunciou a construção do já mencionado CECOT, com capacidade para 40.000 prisioneiros. Contudo, conforme aponta a reportagem da Globo (2024), como a maioria das prisões realizadas não são por delitos que ensejam a transferência dos apenados à CECOT, ocorre a superlotação das antigas instalações prisionais e o consequente agravamento das condições de vida da população carcerária.

Encerrada a devida exegese do que ocorre em El Salvador, faz-se necessário apreender as diferentes conceituações apontadas no intróito desta peça e, na medida do desenvolvimento de cada ideia, articular cada uma com o que é possível observar no contexto do governo Bukele e, por derradeiro, arrematar a discussão com a análise de Andor à luz de todo o arcabouço construído e as relações possíveis entre vida e arte tal como aqui se expressam.

3. A MICROFÍSICA DO PODER E O BIOPODER

Para a compreensão do pensamento foucaultiano acerca das relações humanas é necessário voltar-se à questão do poder. Conforme aponta Mascaro (2014, p. 435–446), para Foucault, este é o elemento que não apenas está presente em áreas específicas da vida como é, em verdade, peça-chave na constituição de todas as estruturas sociais já fundadas. Surge assim, a concepção de uma microfísica do poder, na medida que, para o filósofo, ele não emana de um centro político ou social, mas sim é sempre relacional – ou seja, permeia absolutamente todas as searas da sociedade e gera, em maior ou menor medida, resistência dos destinatários.



Compreende Mascaro (2014, p. 435–439), que o estudo foucaultiano das relações entre direito e poder não devem partir das estruturas juspositivistas comumente usadas por juristas. Assim, a análise das normas e das condições abstratas sob as quais operam a política estatal não bastam, já que as deduções dos possíveis desdobramentos dessas configurações na realidade concreta não possuem um conteúdo materialmente válido. Aponta Mascaro (2014, p. 435–436) que para Foucault, as relações entre essas temáticas devem ser observadas a partir dos extremos, ou seja, da prática concreta do poder e do direito por parte de indivíduos e instituições no curso de suas relações com os(as) demais participantes da sociedade. Nesse sentido, não é possível realizar o estudo acerca do conteúdo principiológico democrático encerrado nas páginas de uma Constituição se, na realidade material a prática comum é a da tortura, da violência física e mental, do racismo, etc. (Mascaro, 2014, p. 436–437).

Tal microfísica do poder não ocorre somente em momentos de tensionamento do tecido social, ou seja, quando as diferentes classes e/ou grupos sociais chocam-se – mas sim, de forma transversal e raizada, pois todos os indivíduos, em certa medida são opressores e oprimidos nas diferentes relações que cotidianamente constroem (Mascaro, 2014, p. 438).

Contudo, este sistema não existe em um vácuo, sendo necessária, portanto, uma fundação que equalize os antagonismos de tantas relações de poder, permitindo uma determinada (e arbitrária) normalidade das instituições e, também, do direito – assim evitando a anomia social. O conceito de biopoder é, neste sentido, a chave desta equação, uma vez que o poder não apenas atravessa as relações humanas, ou seja, que surge na projeção dos interesses humanos para o exterior, mas, em verdade, se imbrica na própria constituição da humanidade, na forma como pensamos e agimos acerca de nós mesmos a partir de padrões predefinidos de ser e parecer considerados socialmente aceitáveis (Mascaro, 2014, p. 440–443). Há, com o biopoder, um *contradireito*, que não replica nem está submetido àquele, e que realiza a disciplina e a docilização dos corpos, para que se conformem a um conjunto já estabelecido de normas. Esse poder disciplinador distribui, conforme aponta Mascaro, os indivíduos em determinados espaços na sociedade:

Trata-se, em primeiro lugar, da distribuição dos indivíduos no espaço. Constitui-se na clausura, na cerca, no encarceramento, como nos colégios e nos quartéis, nas fábricas. A partir daí, dá-se o quadriculamento. Os indivíduos são situados, nesses grandes espaços, em locais específicos, como a cela. Posteriormente, aos espaços quadriculados somam-se os complexos, como o local coletivo no qual os presos tomam banho de sol. Por fim, além de real, o espaço se torna ideal. No colégio, além da sala e da carteira, ou no quartel,



além dos espaços individuais, há a fila. A fileira organizada constrói a noção de hierarquia, que constituirá, em qualquer espaço onde esteja, uma multiplicidade organizada (2014, p. 440).

É por meio dessas divisões, no curso do refinamento das relações sociais e instituições produzidas pela humanidade que o poder disciplinador, amalgamado com os atravessamentos da microfísica do poder, configura um campo em que prevalece a constante vigilância dos corpos e mentes e a punição àqueles(as) que rompem as barreiras da normalidade socialmente estabelecida. O biopoder, contudo, não deve ser encarado apenas por sua faceta negativa, pois é exatamente elemento propositivo da constituição dos corpos. A docilização que realiza não apenas bloqueia potencialidades, mas as permite fluir para determinados espaços, moldando os indivíduos conforme as necessidades que o corpo social possui:

O sujeito, sendo resultado não apenas de uma repressão externa a algo já dado previamente, mas sendo constituído por mecanismos disciplinares que alcançam sua modelagem, seus gestos, suas vontades, sua própria manifestação corporal e sexual, revela portanto a característica do poder contemporâneo, um biopoder. Para Foucault, o poder não pode ser pensado apenas como aparato formal, estatal, militar, pela força das armas, do dinheiro ou da política. Ele alcança a vida, e por isso é um biopoder (Mascaro, 2014, p. 445).

Se há a maleabilidade acerca de quais condutas serão ou não penalizadas, bem como as formas e as intensidades de cada punição a partir das diferenças socioculturais presentes em cada lugar e tempo, não há, porém, a possibilidade de pensar as sociedades – principalmente contemporâneas e capitalistas – sem esses instrumentos de poder que individualizam e docilizam os corpos em benefício da manutenção de um determinado *status quo* (Mascaro, 2014, p. 440). Além disso, caso seja necessário, este ferramental pode mesmo ultrapassar o direito e colocar-se contrário a ele, como no caso dos fascismos. O capitalismo, enquanto sistema marcado pela contradição de classes, depende em seus momentos cíclicos de crise, do rompimento das amarras de parte de suas instituições, como o Estado Democrático de Direito, para garantir no longo curso sua sobrevivência.

Quanto ao cenário salvadorenho, no ponto, devido à dificuldade de acesso ao sistema penitenciário imposta pelo regime de exceção imposto pelo governo Bukele, seja por parte da imprensa ou mesmos dos familiares (alguns sequer sabem onde estão presos seus parentes ou mesmo se estão vivos), as relações que podem ser estabelecidas com a microfísica do poder e com o biopoder foucaultiano ficam restritas à análise da repercussão social do regime de exceção vigente. Conforme aponta o jornalístico (Globo, 2024), a queda expressiva nos índices de



criminalidade é fruto tanto das ações diretas de encarceramento de sujeitos delitivos como da instauração na sociedade da certeza de que nenhum crime ficará sem punição. Por um lado, pode-se arguir pela redução da insegurança da população no que concerne a atuação das *maras*, por outro, no entanto, também pode-se debater – considerando que foram realizadas prisões arbitrárias realizadas por denúncias anônimas (Globo, 2024) – acerca da insegurança conduzida pelo estabelecimento de uma mútua vigilância entre os cidadãos.

Para Foucault, o Direito tem papel preponderante na regulação das dinâmicas disciplinadoras da subjetividade dos sujeitos na sociedade:

As práticas judiciárias – a maneira pela qual, entre os homens, se arbitram os danos e as responsabilidades, o modo pelo qual, na história do Ocidente, se concebeu e se definiu a maneira como os homens podiam ser julgados em função dos erros que haviam cometido, a maneira como se impôs a determinados indivíduos a reparação de algumas de suas ações e a punição de outras, todas essas regras ou, se quiserem, todas essas práticas regulares, é claro, mas também modificadas sem cessar através da história – me parecem uma das formas pelas quais nossa sociedade definiu tipos de subjetividade, formas de saber e, por conseguinte, relações entre o homem e a verdade que merecem ser estudadas (2005, p. 11 apud Mascaro, 2014, p. 445).

As determinações que controlam as subjetividades, como se vê, não parte apenas de dentro dos sujeitos no exercício de suas vidas cotidianas, mas de estruturas sociais que tudo atravessam. Por sua vez, estas intervêm no desenvolvimento ex nunc do próprio Direito, retroalimentando um sistema de condicionamentos mútuos que auxiliam na manutenção de um determinado status quo ou mesmo na drástica alteração das formas de convivência de uma sociedade. Uma das formas pelas quais essas determinações se apresentam é o *espetáculo*, e para compreendê-lo importa aqui observar seu sustentáculo precípua, qual seja, a *ideologia*.

4. O ESPETÁCULO: ETAPA SUPERIOR DO FETICHISMO IDEOLÓGICO

A existência da ideologia na sociedade não ocorre por mero acaso, é, pois, componente *sine qua non* de uma coletividade organizada. Para compreendê-la, por conseguinte, é preciso observar como se opera este arranjo do tecido social. Marx leciona que é por meio do trabalho humano, capaz de alterar a forma natural das coisas ao seu redor – lhes dando uma função útil ao progresso da vida que levamos –, que se fundam as sociedades. No correr da história, estas criaram paulatinamente novas tecnologias que permitiram saltos quantitativos e qualitativos do que se produzia, como a escrita, a roda, o tear, a imprensa, etc.



Com o desenvolvimento das forças produtivas e a formação do capitalismo como sistema hegemônico no mundo a partir da expansão mercantilista e colonialista europeia, aparece, como consequência, o fetiche da mercadoria.

Para Marx, o valor do trabalho despendido na produção de alguma mercadoria é, em virtude da divisão social de produção que ocorre no capitalismo, mistificada pelo produto em si. Há, neste sentido, uma dissociação do produto socialmente realizado e os esforços para realizá-lo, como se o objeto em si possuísse em sua natureza elementos que, em verdade lhes são agregados socialmente — como que por mágica, feitiço, o ouro fosse em si valioso, por exemplo. Esta é a natureza do fetiche da mercadoria:

Os homens não relacionam entre si seus produtos do trabalho como valores por considerarem essas coisas meros invólucros materiais de trabalho humano de mesmo tipo. Ao contrário. Porque equiparam entre si seus produtos de diferentes tipos na troca, como valores, eles equiparam entre si seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Eles não sabem disso, mas o fazem. Por isso, na testa do valor não está escrito o que ele é. O valor converte, antes, todo produto do trabalho num hieróglifo social. [...] O que é válido apenas para essa forma particular de produção, a produção de mercadorias — isto é, o fato de que o caráter especificamente social dos trabalhos privados, independentes entre si, consiste em sua igualdade como trabalho humano e assume a forma do caráter de valor dos produtos do trabalho —, continua a aparecer, para aqueles que se encontram no interior das relações de produção das mercadorias, como algo definitivo, mesmo depois daquela descoberta, do mesmo modo como a decomposição científica do ar em seus elementos deixou intacta a forma do ar como forma física corpórea (Marx, p. 149).

Importante, contudo, ressaltar que tal lógica não deixa de existir uma vez que nos apropriemos da compreensão acerca de sua origem e funcionamento. O fetiche da mercadoria é indissociável da forma produtiva capitalista, alienando os trabalhadores dos frutos de seus esforços na medida em que os incorpora ilusoriamente à natureza dos próprios produtos socialmente realizados. A condição de existência do capitalismo é a fetichização das mercadorias, e, por corolário, das relações que as produzem, e tudo isso ocorre sem que seja necessária uma intervenção externa que empurre os indivíduos ao fetiche, ele ocorre por si no curso do desenvolvimento das forças desse sistema:

Mas a existência da mercadoria-fetiche não deriva da simples atitude humana frente às coisas, não se trata de um mero ato subjetivo de cada um dos seres humanos; muito menos se trata de uma falsa aparência, fruto de um erro de observação. O fetichismo é real, embora fantasmagórico. O fetiche é indispensável para o funcionamento da própria sociedade capitalista em que vivemos. Ela não está organizada de maneira que seu funcionamento, no dia a dia, se faça de forma consciente. A distribuição de cada um dos indivíduos nas inú-



meras funções produtivas sociais e a repartição entre eles da riqueza produzida não se estabelecem a partir de uma decisão coletiva, prévia e consciente. Cada indivíduo, pensando no seu próprio interesse, aparece desenvolvendo suas atividades econômicas de maneira autônoma, e o resultado global surge como se fosse automaticamente. Cada indivíduo, na verdade, atua conduzido pela lógica do fetiche (Carcanholo, 2011, p. 93).

A mercadoria é em si o fetiche que conduz a sociedade à reprodução de contradições existentes no capitalismo. Mas o fetiche não ocorre apenas por meio das trocas comerciais – de bens, produtos e serviços tangíveis, frutos da indústria ou do labor manual –, ele acontece também no campo das ideias, da produção intelectual em suas múltiplas cepas: ciência, filosofia, religião, mídia, senso comum, etc. Este tipo específico de fetiche, que faz reproduzir o capitalismo, é o que a concepção marxiana chama ideologia.

Marx e Engels identificam-na como um dos principais mecanismos responsáveis por alinhar o tecido da sociedade capitalista, profunda e irremediavelmente marcada por contradições de classe, gênero, raça, etc., em torno de estruturas que garantam a continuidade do sistema e, portanto, dessas antinomias:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (2007, p. 47).

A ideologia nasce enquanto produto do estabelecimento generalizado da forma de produção capitalista, e, por conseguinte, da fetichização da mercadoria – que mistifica as relações sociais que ocorrem dentro deste sistema. Mascaro (2014, p. 544–554) aponta que para Lukács há, por meio da ideologia, uma fragmentação da realidade nas mais diversas instâncias da vida humana – como no caso da ciência burguesa. Esta, no curso de seu desenvolvimento histórico, mistificou o conteúdo do real pela compartimentalização dos estudos em inúmeras faculdades. A hiperespecialização acadêmica leva, sobretudo, ao fetichismo do conhecimento – agora também reificado – ao passo que as contradições presentes na realidade são encaradas pela ciência burguesa como problemas metodológicos e não elementos constituintes dos objetos estudados (Mascaro, 2014, p. 546–549).



Para Nobre, o Direito é expressão evidente da reificação da ciência capitalista, e, por conseguinte, de tal processo de fetichismo dos estudos científicos e de fragmentação da realidade:

Partindo desse quadro teórico, a pergunta pela possibilidade de deter o processo de racionalização nos conduz ao problema da ‘estrutura da objetividade jurídica no capitalismo’, momento superestrutural que é estratégico porque faz confluir uma certa cristalização das relações de produção com o formalismo próprio do pensamento burguês mais avançado. [...] Fica claro, portanto, que a impossibilidade de Kelsen de compreender o nascimento do direito deriva da instituição mesma de uma ciência do direito (*Rechtswissenschaft*), da ideia de que seja possível recortar arbitrariamente a realidade, abstraindo sua unicidade histórica, impondo-lhe formas que lhe são externas. [...] Em suma, trata-se aqui da visão do caráter contingente desses sistemas racionais parciais, para que se possa confrontar essa contingência com a ‘necessidade’ de que ela se reveste como forma de dominação concreta do modo de produção capitalista (2001, p. 58 apud Mascaro, 2014, p. 550).

Nessa senda, Debord (2005) aprofunda a questão, lançando mão da ideia de que tal curso de expansão das relações capitalistas de produção, tornou não apenas todas as searas da vida mercadorias a serem consumidas, como também alterou a própria realidade — na medida em que separou as experiências vividas de sua significação e isolou os seres humanos em simulacros que se retroalimentam. A sociedade é marcada pelo *espetáculo*, ou seja, pela alienação do homem daquilo que ele mesmo produz, pelo fetichismo da mercadoria em um grau superior:

A origem do espectáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espectáculo moderno exprime a totalidade desta perda: a abstracção de todo o trabalho particular e a abstracção geral da produção do conjunto traduzem-se perfeitamente no espectáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstracção. No espectáculo, uma parte do mundo *representa-se* perante o mundo, e é-lhe superior. O espectáculo não é mais do que a linguagem comum desta separação. O que une os espectadores não é mais do que uma relação irreversível no próprio centro que mantém o seu isolamento. O espectáculo reúne o separado, mas reúne-o *enquanto separado* (Debord, 2005, p. 19).

O espetáculo debordiano surge com o desenvolvimento do capitalismo, que, modificando consciente e inconscientemente as relações humanas, permitiu a expansão da vida através do domínio técnico sobre a natureza e a produção em alta escala dos gêneros necessários para a sobrevivência e o conforto. Com o avanço da economia e a substituição das antigas estruturas de dominação pela forma assalariada, o potencial desenvolvimento qualitativo da vida foi substituído pelo quantitativo, e, com isso, a própria vida precisou ser mercantilizada para suprir a necessidade de expansão crescente do capital:



O crescimento económico liberta as sociedades da pressão natural que exigia a sua luta imediata pela sobrevivência, mas é então do seu libertador que elas não estão libertas. A *independência* da mercadoria estendeu-se ao conjunto da economia sobre a qual ela reina. A economia transforma o mundo, mas transforma-o somente em mundo da economia. A pseudonatureza na qual o trabalho humano se alienou exige prosseguir ao *infinito* o seu serviço, e este serviço, não sendo julgado e absolvido senão por ele próprio, obtém, de facto, a totalidade dos esforços e dos projectos socialmente lícitos, como seus servidores. A abundância das mercadorias, isto é, da relação mercantil, não pode ser mais do que a *sobrevivência aumentada* (Debord, 2005, p. 24).

O espetáculo não é apenas um componente da realidade social moderna, mas uma característica fundamental de sua constituição e também uma escolha inescapável que o capitalismo realizou, posto que é corolário lógico do desenvolvimento de tal sistema. Para o autor, “o espectáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (Debord, 2005, p. 9). O desenvolvimento das forças produtivas e a introdução de tecnologias como a prensa, o rádio, a televisão e, sobretudo atualmente, a internet, alteraram o curso não apenas da história humana como a própria forma com a qual os indivíduos se relacionam com os acontecimentos e fatos. O esquadramento da vida concreta e sua conseqüente reificação em uma estrutura que reproduz a si mesma é o espetáculo debordiano. “O homem separado do seu produto produz cada vez mais poderosamente todos os detalhes do seu mundo e, assim, encontra-se cada vez mais separado do seu mundo. Quanto mais a sua vida é agora seu produto, tanto mais ele está separado da sua vida” (Debord, 2005, p. 20).

Em vista disto, o espetáculo se configura enquanto um refinamento do conjunto instrumental pelo qual a ideologia dominante se afirma.

O espectáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real. O espectáculo é, materialmente², ‘a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem’. O ‘novo poderio do embuste’ que se concentrou aí tem a sua base nesta produção pela qual ‘com a massa dos objectos cresce... o novo domínio dos seres estranhos aos quais o homem está submetido’. É o estádio supremo duma expansão que virou a necessidade contra a vida. ‘A necessidade de dinheiro é portanto a verdadeira necessidade produzida pela economia política, e a única necessidade que ela produz’ (Manuscritos económico-filosóficos). O espectáculo alarga a toda a vida social o princípio que Hegel, na *Realphilosophie* de *Iena*, concebe como o do dinheiro; é ‘a vida do que está morto

² Nos vídeos, milhares de detentos são conduzidos e sentados em fila sob o chão dos pavilhões de detenção. Muitos tatuados com símbolos das *maras*, todos usam somente bermuda, sem camisa ou calçados, e estão de cabeça raspada.



movendo-se em si própria' (Debord, 2005, p. 151).

Em um mundo cada vez mais conectado virtualmente e dependente dessa conexão — desde os aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais até o sistema global de transação financeira —, a substituição das experiências concretas pelo simulacro no processo de mercantilização de tudo reflete intensamente no desenrolar político e, conseqüentemente, no binômio poder-dever do Direito face à sua responsabilidade na manutenção da democracia. Sem perder de vista que tal regime político é, sobremaneira, burguês e, portanto, incapaz de garantir a emancipação do gênero humano, é necessário ressaltar como o espetáculo representa uma possibilidade real de esfacelamento do Estado Democrático de Direito — na medida em que são incapazes de deter o avanço dessa reificação generalizada.

Cosendo esta questão com o caso salvadorenho, é notório o uso intensivo por parte do governo Bukele das redes sociais como instrumento de propaganda das ações. A estratégia midiática, voltada principalmente a construção da imagem do presidente enquanto uma liderança sóbria, justa e temente a Deus, também celebra as ações do governo como individuais do presidente. Exemplo disso são os vídeos lançados no perfil presidencial no Instagram (El Salvador, 2023a e 2023b), que mostram o tratamento rígido que os detentos recebem nas instalações prisionais do regime. Bukele é publicitário por profissão, o controle minucioso do conteúdo veiculado pelo governo e a estratégia de divulgação nas redes sociais das ações estatais é algo que em todo o mundo pode ser percebido — de prefeituras do interior à união. Este cenário não apenas reflete um aprofundamento do espetáculo explorado por Debord (2005), como também se mostra como sintoma da mistificação que essa reificada realidade produz na compreensão social acerca do autoritarismo.

Enquanto fenômeno espetacular, a divulgação de prisões em massa se torna produto de consumo da população, que absorve, em pequenos vídeos, a narrativa de um governo compromissado com a segurança pública e o bem-estar social. O estabelecimento de um paradigma como este — de absorção acrítica de decisões governamentais sérias e preenchidas de intenção, por parte de cidadãos-consumidores — representa, especialmente, a simplificação da realidade em dicotomias de fácil aceitação. A relação que noções de bem e mal, luz e escuridão, morte e vida, segurança e perigo, etc. possuem com religiões como as cristãs é bastante forte. A estratégia midiática de Bukele também é espetacular nesse sentido, de acordo com a Globo (2024), quando da votação do Congresso em 2020, o presidente salvadorenho permaneceu silente durante a sessão, rezando, e, após, dirigiu-se à multidão na praça, dizendo ter conversado com Deus, que o pedira paciência.



O consumo massificado de uma narrativa nestes moldes pressupõe, por corolário lógico, uma intencionalidade pregressa à sua confecção. A análise mesmo perfunctória das decisões tomadas pelo governo Bukele apontam para uma direção política que, no curso da história mundial contemporânea, surgiu diversas vezes e que serão, a seguir, melhor compreendidas.

5. UR FASCISMO

A dinâmica política global, de ascensão da extrema-direita, fascista, em diversos países – sobretudo europeus e latino-americanos –, atravessa extensamente a dinâmica produtiva do espetáculo, sendo tanto o governo Bukele quanto Andor destacados exemplos disso. Contudo, para compreender essa relação é necessário antes analisar o fenômeno do fascismo em suas principais características.

O *fascismo*, termo que ganhou destaque sobretudo durante o governo ditatorial de Mussolini (1925–1943), é utilizado para designar a série de movimentos ultranacionalistas, antiliberais, autoritários, xenofóbicos e ligados a uma ideia de que os interesses individuais devem ser suprimidos face aos interesses do *povo*³. Para Eco, os elementos que constituem o fenômeno fascista variam de caso para caso, de maneira que, apesar da utilização do termo criado na Itália, inexistem replicações idênticas daquele modelo nos demais contextos em que o fascismo *lato sensu* se realizou concretamente:

Contudo, a prioridade histórica não me parece ser razão suficiente para explicar por que a palavra ‘fascismo’ se transformou numa sinédoque, uma denominação *pars pro toto* para os mais diversos movimentos totalitários. Não adianta dizer que o fascismo continha em si todos os elementos dos totalitarismos sucessivos ‘em estado quintessencial’, por assim dizer. Ao contrário, o fascismo não possuía nenhuma quintessência e nem sequer uma só essência. O fascismo era um totalitarismo *fuzzy*. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições (Eco, 2018, 27).

Apesar disso, é possível traçar razão de ser do fascismo. Conforme os *Extratos das Teses da Décima Terceira Plenária sobre o Fascismo, o Perigo da Guerra, e a Tarefa dos Partidos Comunistas*, de dezembro de 1933 (Degras, 1964), o fascismo

³ Para o fascismo, o conceito de povo está desgarrado do conjunto da população nacional. Ao passo que reforça ideias eugenistas e racistas para com diversos grupos sociais, como judeus, gays, negros, etc., o fascismo também elege as características constituintes dos verdadeiros representantes do *éthos* nacional – conjunto esse que não encontra par na realidade, mas que, por ser suficientemente abstrato, é absorvido pela população geral como elementos que lhes agregam a esta imagem do povo.



pode ser caracterizado enquanto um movimento que surge nos movimentos de crise do capitalismo para garantir a sobrevivência do sistema em um momento em que a tensão na luta de classes exacerba-se. Seu papel, para a burguesia, é o de desviar o foco da luta do proletariado, criando espantalhos — como o do judeu internacional, no caso alemão, ou dos incivilizados, que a um só tempo ameaçavam e motivavam a expansão do *fascio* de Mussolini — para servir como bodes-expiatórios das frustrações e diminuição da qualidade de vida da população:

Nascido no ventre da democracia burguesa, o fascismo aos olhos dos capitalistas é um meio de salvar o capitalismo do colapso. É apenas com o objetivo de enganar e desarmar os trabalhadores que a social-democracia nega a fascistização da democracia burguesa e traça um contraste de princípio entre os países democráticos e os países da ditadura fascista. Por outro lado, a ditadura fascista não é uma etapa inevitável da ditadura da burguesia em todos os países. A possibilidade de evita-lo depende da força de luta do proletariado, que está paralisada pela influência corrupta [desintegradora] da social-democracia, mais do que por qualquer outra coisa (Degras, 1964, p. 297).

O fascismo apela para sentimentos verdadeiros incrustados no seio da classe trabalhadora, como a insegurança face à violência rural e urbana, a fome, o fervor religioso, etc., mas lhes dá falsas respostas — bem como apela para o irracionalismo como mecanismo de conformação face às contradições que promove. Eco (2018, p. 35–42) elenca 13 características gerais de tal fenômeno, quais sejam: (i) o *culto à tradição* via sincretismo de diversos conjuntos culturais; (ii) a *recusa da modernidade*, pois representa a negação dos valores tradicionais, algo contraditório ante o desenvolvimento industrial alcançado pelo nazismo, por exemplo; (iii) o irracionalismo enquanto o culto da *ação pela ação*; (iv) o sincretismo não pode ser criticado, pois o *desacordo é traição*; (v) a diversidade também é desacordo, e para o fascismo ela deve ser extirpada, o configurando assim como *um movimento racista*; (vi) o *apelo às classes médias frustradas*, que imersas na mais reacionária ideologia burguesa, passam a apoiar a perseguição contra grupos subalternizados; (vii) a *obsessão com a conspiração*, sobretudo internacional, criando uma forte apelo xenofóbico; (viii) a dicotomia retórica entre acreditar que os *inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais*, capazes de humilhar os fascistas com sua riqueza e de serem por estes derrotados; (ix) a vida pela luta precede a luta pela vida, de maneira que o pacifismo é rechaçado ante a noção de que *a vida é uma guerra permanente*; (x) a adoção de um *elitismo popular*, uma dominação cuja estrutura se assemelha à hierarquia militar e na qual os subordinados são desprezados por sua fraqueza — mas também a noção de que todos os cidadãos pertencem ao melhor povo, sem distinção interna; (xi) o *heroísmo enquanto norma social*, de sacrifício individual



de todos para o bem comum da nação; (xii) o *machismo* enquanto elemento de dominação do masculino sobre o feminino e de ventilação das frustrações que a guerra permanente e o heroísmo causam; (xiii) há um populismo qualitativo concebido na figura do *povo*, ou seja, os indivíduos não possuem direitos próprios, na medida em que são apenas componentes dessa entidade – cujo líder é o intérprete e emissário de sua vontade, considerada geral.

Voltando à Bukele, a ideia de um líder carismático, que trabalha as subjetividades individuais e utiliza do aparato estatal na configuração de uma situação que favoreça seus interesses a partir do aparelhamento institucional e do medo social é exatamente aquela que Eco (2018) denuncia. Respostas como o encarceramento em massa, o combate à criminalidade que não observa muitas vezes as garantias fundamentais encerradas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, são verdadeiras *soluções midiáticas*. O rompimento da normalidade institucional e a introdução de noções como a do *inimigo comum* e *interno* no seio da população, como no caso salvadorenho, repetem alguns dos elementos identificados pelo pensador italiano como próprios do fenômeno fascista.

A compreensão das vicissitudes sociais, como a fome, a pobreza, a violência, etc. enquanto características inerentemente pertencentes ao sistema de produção capitalista depende do esforço de análise da realidade enquanto uma totalidade. A negação dessa totalidade, e, portanto, desse caminho investigativo acerca da realidade, compõe um dos elementos-chave de desenvolvimento do mecanismo de organização do fascismo – o da mistificação da realidade.

Quando a teoria, enquanto conhecimento da totalidade, abre caminho para a superação dessas contradições, para sua supressão, ela o faz mostrando as tendências reais do processo de desenvolvimento da sociedade, que são chamadas a superar realmente essas contradições na realidade social, no curso do desenvolvimento social (Lukács, 2003, p. 79 apud Mascaro, 2014, p. 545).

A espetacularização da vida, em última análise, contribui para tal mistificação do real, na medida em que recursivamente simplifica o mundo e o faz de si sua própria paródia. Os problemas socialmente vividos permanecem não apenas sem solução, como são intensificados conforme falsas respostas são propagandeadas, é disto que se alimenta o fenômeno fascista.

Feitas estas considerações, faz-se necessário compreender como biopoder, espetáculo e fascismo vinculam-se à Andor, e, a partir deste ponto, coroar a discussão com o debate acerca da extensão que temas como estes



atingem, seja em cena, seja na vida vivida.

6. ANDOR E O FASCISMO COMO PRODUTO DE CONSUMO

Fugindo da discussão acerca da qualidade de Andor como obra cinematográfica, algumas relações podem ser traçadas entre o enredo da série, a narrativa geral da saga Star Wars e os conceitos anteriormente discutidos. Lançado em 1977, o primeiro filme, conhecido no Brasil como *Guerra nas Estrelas*, apresenta o desenrolar da beligerância armada por parte de uma Aliança Rebelde contra a opressão do Império Galáctico. Os protagonistas revoltosos, ao final longa-metragem, destroem a principal arma do autoritário regime, a Estrela da Morte, garantindo assim a primeira vitória da Rebelião desde o início da guerra. Nos dois filmes seguintes é apresentado à trama a figura do imperador Palpatine, que, usando robes escuros e postura caricaturalmente vilanesca, é finalmente derrotado junto com seu Império quando os rebeldes explodem a segunda Estrela da Morte, ainda em construção, ceifando sua vida e inaugurando o início da Nova República Galáctica.

Duas décadas depois é lançada a nova trilogia da saga, retratando em prequela, os acontecimentos que levaram Palpatine, então chanceler da República Galáctica, ao poder por meio de um golpe de Estado durante o período de turbulência política por conta de uma guerra civil travada entre o governo e uma confederação de planetas separatistas. Ao cabo do último filme desta safra, é apresentado como Palpatine, com seu poder, carisma e influência, orquestrou todo o conflito, assumiu o controle do Senado Galáctico e estabeleceu um estado de exceção, proclamando-se imperador e iniciando a perseguição de todos seus adversários.

Duas considerações podem ser traçadas a partir do cenário apresentado pela saga até então, a primeira delas é como há um certo rebaixamento narrativo ao representar o fascismo enquanto um processo que surge sem a necessária aderência da população ao ideário autoritário. Para Mell-Taylor (2021), Star Wars peca em sua simplificação, que retrata o fascismo como algo derivado da cabeça de um só indivíduo *hors concours*:

O rebranding de líderes fascistas como brilhantes mestres de xadrez ignora o fato de que alguns autoritários carecem de sutileza política. Também ignora como o seu controle do poder depende inicialmente do apoio da população em geral. Autoritários certamente usam a violência para tomar e manter o poder, mas também tentam convencer seus seguidores de que todos os pro-



blemas podem ser resolvidos através da adoração de uma única figura autoritária. Eles só podem alcançar seus objetivos absurdos quando a maior parte da população os aceitar passivamente (*tradução livre*).

Sua crítica, no entanto, é salutar ao apontar que não é imperativo que obras de arte se calem acerca do fenômeno fascista, pelo contrário. Contudo, é importante, se de fato a proposta for a denúncia do fascismo, vincular o espectador à narrativa, não desconsiderar sua agência na vida real e estabelecer com maior fidedignidade os mecanismos em que opera tal sistema ditatorial.

Não é ruim que filmes falem sobre fascismo. A arte reflete a vida, por isso que é inevitável que artistas queiram falar sobre uma questão tão premente para a cultura humana. Vale a pena falar sobre esta ideologia, mas muitos meios de comunicação empregam uma compreensão excessivamente simplista dela — uma compreensão em que o espectador é sempre inocente (Mell-Taylor, 2021, *tradução livre*).

Os heróicos rebeldes, em uma segunda consideração, também são retratados de maneira idílica, na medida que não apenas se sacrificam pela causa como todas suas ações são justificadas pelo objetivo maior de encerrar a opressão imperial e construir novamente a democracia republicana. Enquanto fenômeno ideológico, Mascaro (2014, p. 552–553) aponta que esta é uma lógica que, para Lukács, opera acriticamente sob a égide do capitalismo. O Direito, em sua pretensão de universalização normativa, acaba por estender o processo de reificação para além dos limites de sua própria atuação. Assim, mesmo nos ambientes revolucionários, subsiste a ideia dicotômica de operar a revolução dentro ou fora da legalidade do sistema — o que, em última instância, acaba por ser uma reprodução da ideologia dominante mesmo nos espaços em que se busca mudanças paradigmáticas.

De outra sorte, Andor é reconhecido pela representação que faz da realidade da guerra e do cotidiano da população que vive sob o jugo opressivo das forças estabelecidas calcada em exemplos históricos existentes. O primeiro arco apresenta personagens da célula da Rebelião a que Cassian se vincula, suas motivações para participarem tanto de uma missão de assalto a um arsenal do Império quanto dos esforços rebeldes, face à evidente disparidade de forças entre os beligerantes. O arco seguinte, por seu turno, apresenta o desenrolar da história de Cassian, que após o sucesso do assalto e sem querer envolver-se novamente com Aliança, foge para o planeta tropical de Niamos para aproveitar o dinheiro que conseguira na missão. Entretanto, mesmo sem ter sido reconhecido ou delatado, é preso por “agir de modo suspeito” ao presenciar a fuga de dois ladrões. Sentenciado a seis anos de reclusão em um complexo



prisional do Império, Cassian passa a trabalhar de maneira forçada em jornadas de 12x12 horas com os membros de seu pavilhão. Ao perceber que, apesar da pena que recebera em sentença, as chances de ser liberto são, em verdade, inexistentes, alia-se seus companheiros de cárcere, planeja e executa uma fuga, libertando todos os prisioneiros do complexo, voltando ao planeta que sua mãe mora e reivindicando seu lugar nas fileiras da Aliança Rebelde, ao passar a acreditar na luta contra a opressão imperial.

Novamente, outras duas considerações são necessárias. Primeiramente, percebe-se a construção na segunda parte da série do panóptico – seja imageticamente, com a vaga evocação da estrutura idealizada por Bentham, seja conceitualmente, com a instrumentalização da microfísica do poder para a dominação dos aprisionados. A disciplina das relações entre os detentos, para facilitar seu controle em favor da máquina imperial, é o biopoder foucaultiano (Mascaro, 2014, p. 444–445), com sua capacidade de inserção na constituição física e psicológica dos indivíduos. Contudo, esse biopoder demonstra suas limitações. Considerando que “o ato de direcionar o estresse e a frustração do trabalho escravo para os demais que estão presos no mesmo sistema é um aspecto da estrutura capitalista” (Horatia, 2023), Andor demonstra que a quebra desse paradigma se dá pela apropriação do senso de coletividade, pela tomada de consciência da situação em que se encontravam e a tomada de ação organizada.

A segunda consideração tem a ver com a série enquanto mais uma constituinte do espetáculo. Andor possui uma narrativa que trata acerca do fascismo enquanto um perigo que só pode ser evitado mediante a mobilização social constante, posto que surge, dentre outras razões, pela dessensibilização das massas face à injustiça e à violência. No entanto, Andor é ainda assim uma série produzida por um dos maiores conglomerados midiáticos do planeta, a Disney, e movimenta à sua forma o espetáculo que Debord (2005) tão severamente criticou. Se de um lado a série convida o espectador à reflexão sobre sua forma de pensar e agir no mundo, de outro apresenta a imagética fascista do Império como parte integral do espetáculo. A desconexão entre o fenômeno real e aquele encenado também apresenta sua marca em Andor, mesmo que em menor medida. O consumo de esquemas visuais – sejam arquitetônicos, vestuários, ligados à disciplina das tropas imperiais, etc. – fomentam muitas vezes a reprodução acrítica desses elementos na realidade. O espetáculo, nesse sentido, alcança um grau superior, ao passo que a representação toma vez na realidade e essa, por derradeiro, se torna sua própria caricatura.



7. FASCISMO REAL E FICCIONAL

O capitalismo possui elementos característicos, como a propriedade privada e a economia de mercado que, aliados ao individualismo e à acumulação constante e crescente, gestam desigualdades sociais. Estas, diferentemente daquelas ontologicamente dissimilares entre si (como o ar e água, a vida e a morte, o vermelho e o azul), são artificiais, nascidas de um modo de produção específico e que de forma alguma é único – a história mostra tipos outros realizados e antes e depois do capitalismo, como o feudalismo e o socialismo. Decorre desse estado de coisas, principalmente em momentos de crise do capital, fatores como: a falta de perspectiva da classe trabalhadora, a sensação e a insegurança de fato, a fome, a exacerbação de ressentimentos e de preconceitos de diversos matizes, etc. É neste caldeirão que viceja o fascismo real, que potencializa essas animosidades em prol da perpetuação de um sistema que apresenta repetidas vezes suas limitações.

É bem verdade que a insurgência do fascismo na vida real enseja o desenvolvimento artístico, seja na produção de obras elogiosas do ideal fascista como daquelas que ativamente a ele se opõem. No entanto, e isso é importantíssimo de ser ressaltado, para o fascismo a arte também é um alvo, sendo instrumentalizada para o serviço de seus intentos ou visceralmente atacada quando não corresponder às necessidades apresentadas. Exemplos de ambas situações são abundantes. Os nazistas utilizaram a obra de Richard Wagner para a construção de uma história alemã que remetesse a tempos imemoriais e heróicos artificialmente projetados (Espinoza, 2020, p. 56–62); Salvador Dalí foi expulso do movimento surrealista por seu apoio ao regime franquista e simpatia pela figura de Hitler; o movimento futurista, liderado por Marinetti, apoiou abertamente o Duce, entoando em seu manifesto odes à violência em sua multiplicidade de formas:

[...] Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem. [...] Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher. Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária [...] (Marinetti *et al.*, 1909, p. 6–7).



O mesmo pode ser visto no Brasil, com o integralismo de Plínio Salgado e sua visão de um país atravessado por um passado heroico e indígena, em uma artificial construção da história brasileira que contrapunha Macunaíma e todo o modernismo (Silva, 2005).

De outra sorte, o nazismo também realizou perseguições implacáveis a artistas e obras que não se conformavam aos ideais do partido. Pablo Picasso, Paul Klee, Lasar Segall e muitos outros(as/es) tiveram suas produções incluídas no rol das *artes degeneradas*, incluindo aqueles abertamente antissemitas e que defendiam a política do partido hitlerista, como Emil Nolde. Em movimento recente, Roberto Alvim, então secretário especial da cultura do governo Bolsonaro fez repetir Goebbels com uma semiótica inegavelmente correlata ao do Terceiro Reich em vídeo institucional para o lançamento de edital de prêmios de fomento a produções artísticas (Poder360, 2020), discernindo temas e tipos de obras que seriam ou não merecedoras do financiamento governamental e, por conseguinte, do reconhecimento público.

Face a este cenário, emergem algumas questões: a arte pode ou não ser instrumento de transformação de uma contraditória realidade? E se puder, deve? Afinal, qual é o papel da arte nesta questão? Com o espetáculo, obras ficcionais que em maior ou menor grau apontam os problemas existentes do outro lado da quarta parede, são mais das vezes apenas consumidas sem maiores reflexões. Tal estado de coisas denuncia o papel, como referido, que possui a ideologia – componente fundamental do fetichismo da mercadoria, operando em nível imaterial – como instrumento de desmobilização social.

O caso salvadorenho, dadas as devidas proporções, sobretudo desde o início do regime excepcional, mimetiza certos pontos da narrativa de Andor – um governo de extrema-direita, que alcança o poder em meio a um período de hostilidades e que, utilizando do aparato de força disponível, cria um Estado policial que não observa os princípios básicos de direitos humanos em nome de uma ordem, uma segurança pública, instrumentalizada como peça de propaganda. El Salvador também repete Star Wars na fragilidade de um Estado, que passa por uma guerra civil e que se torna, *mutatis mutandis*, cada vez mais violento mesmo após o término oficial da beligerância. Se na narrativa cinematográfica o Império fazia as vezes dos Estados Unidos e os rebeldes dos vietcongs, conforme o próprio criador da saga, George Lucas, afirmou (FilmsNow Movie Bloopers & Extras, 2018), El Salvador ironicamente importa para si a figura imperial, por mais que seu subdesenvolvimento o aponte na direção vietnamita.



A arte, no entanto, e esse é talvez o ponto chave desta discussão, não merece ser repreendida, o instrumento da censura não possui vez no exercício da democracia, mas é preciso que se tenha consciência de seu poder de influência e entender que, enquanto fruto do esforço coletivo humano, a arte também possui um papel na formação da consciência geral. Esquecer-se disso é fazer o jogo do espetáculo, da docilização dos corpos e, ao fim e ao cabo, também do fascismo. Contudo, há que se entender as limitações da arte, para Horatia (2023):

A verdadeira resposta a esta questão é que, por mais revolucionária que a arte possa ser (e é revolucionária), ela só nos pode levar até certo ponto na libertação dos sistemas de opressão. A verdadeira libertação vem da ação, e essa ação precisa ser proativa e, às vezes, até violenta (*tradução livre*).

Parece inócuo, na verdade, questionar se deve ou não a arte interferir na realidade, promovendo ou não mudanças sociais, fato é que ela interfere e não se pode relegar tal fato. É nosso papel entender que a arte – em suas infinitas determinações – pode ser um grande instrumento para tornar o mundo e as potencialidades da vida humana melhor cognoscíveis. Com isso, talvez, seja possível alcançar uma tomada de consciência que possibilite a mudança do trajeto que a sociedade parece novamente traçar, repetindo as mesmas tragédias incalculáveis vezes já vistas e que agora não passam de farsas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fascismo é, antes mesmo de um problema que permeia a sociedade, um sintoma das crises cíclicas pelas quais o capital passa. Como tal, ele instrumentaliza os sentimentos de desalento e descontentamento da população, os assimilando muito bem e os direcionando-os à falsas soluções. Consequentemente, o fascismo desalinha os trabalhadores, os fazendo agir contra seus próprios interesses, antagônicos aos do capitalismo por razão ontológica de cada qual. O fascismo é, destarte, a tábua de salvação do capitalismo da ruína por ele mesmo, vez após vez, criada.

Para realizar esta inegável façanha, os fascistas lançam mão de diversos mecanismos para o controle da opinião pública e a manobra dos anseios sociais em rota predefinida. O primeiro deles é o medo, gestado pela insegurança que nasce em um momento de crise. O medo do outro, externo, do que para o fascista representa a destruição dos valores autóctones tradicionais – pois que é em si diversidade. Mas medo também do igual, do que pode se sublevar e ser o catalisa-



dor da alternância. O preconceito é primogênito do medo, e viceja com a vigilância constante de uns sobre os outros, criando estigmas que levam à violência e à docilização de corpos e mentes. O panóptico de Foucault encarcera cada um dentro de si mesmo, o que, para o fascismo, significa o sucesso de um projeto de poder.

O segundo mecanismo adotado pelo fascismo é o da desorganização, aparelhando instituições públicas e não governamentais, como sindicatos; criando narrativas confusas, que mudam a toda hora; obstruindo a material e ideologicamente as vias de emancipação da classe trabalhadora – e tudo isso é realizado em volta por um certo véu de retidão, de ordem, de moralidade, inclusive com características militaristas, algo contraditório por seus próprios termos. Para que essa desorganização ocorra, o espetáculo – que acentua um dos caracteres definidores do capital, qual seja, o consumo – é intensificado pelo fascismo. O ódio, a violência, o jogo do *nós contra eles*, sob o espetáculo tudo se torna produto e, como tal, possível de ser explorado até suas últimas consequências. A vida perde seu valor, as relações sociais se tornam paulatinamente mais artificiais e o capitalismo reencontra suas forças para se reerguer, aumentando sua exploração e margens de lucro.

Como pode ser visto no correr desta argumentação, parecem apontar à direção do autoritarismo as decisões tomadas pelo governo Bukele, quais sejam, resumidamente: (i) liberalizar ainda mais a economia salvadorenha com adoção do Bitcoin e, conseqüentemente, aumentar a dependência do país para com os EUA; (ii) aparelhar as estruturas de governo, direcionando a opinião pública ao seu favor com a divulgação de sua imagem como líder; (iii) diminuir a influência das *maras* através da intensificação da repressão e às custas do devido processo legal e dos direitos humanos. Mas esse autoritarismo, com viés mesmo fascista, pela configuração do capitalismo atual, adicto e em simbiose com a redes de dados fundadas há meio século, apresenta características próprias de narrativas típicas da ficção, tamanho o descolamento da realidade que o fetiche legou à sociedade.

Nesse imenso cosmos de consumo e incertezas que Andor surge, com uma fantástica composição de planetas, naves e alienígenas mil, mas também com uma narrativa séria, densa, indubitavelmente política e presente no cotidiano sensível. Há na série um contraponto perspicaz, que não permite interpretações diametralmente opostas ao seu intento precípuo – de denúncia de uma nova ascensão do fascismo no mundo – sem que, ao menos, sejam empreendidos esforços hercúleos para as realizar. A vida e a ficção se misturam muito bem em El Salvador e em Andor, mas seus caminhos são colidentes e resta à plateia decidir se continuará apenas a assistir ao espetáculo ou, finalmente, entrar em cena.



REFERÊNCIAS

- ALEX MELL-TAYLOR. An Injustice!. 'Star Wars' Made Us Unprepared For Fascism: The Galaxy Far Far Away set the bar too high for evil. 2021. Disponível em: <https://aninjusticemag.com/star-wars-made-us-unprepared-for-fascism-aaf8a5b12cbe>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- ANDOR. Realização de Tony Gilroy. Produção de Diego Luna. S.L.: Lucasfilm, 2022. (38–57 min.), Streaming, son., color. Legendado. Série Star Wars. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/andor/3xsQKWG00GL5>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- BRAGA, Gleicynara Soares. *Impactos econômicos da adoção do Bitcoin como moeda oficial: o caso de El Salvador*. 2023. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38779>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- CARCANHOLO, Reinaldo A.. Sobre o fetichismo. In: CARCANHOLO, Reinaldo A. (org.). *Capital: essência e aparência*, Volume I. São Paulo: Expressão Popular, 2011. Cap. 4. p. 85-97.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espectáculo*. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005. 160 p.
- DEGRAS, Jane. *The Communist International (1919-1943 Documents)*. Volume III: 1929–1943. Londres: Royal Institute of International Affairs, 1964. 499 p.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. Trad. Eliana Aguiar.
- EL SALVADOR. PRESIDENCIA DE EL SALVADOR. *El Centro de Confinamiento del Terrorismo inició operaciones con el internamiento de 2,000 pandilleros con alto perfil de peligrosidad. A estos terroristas les esperan décadas tras las rejas*. 25 fev. 2023a. Instagram: presidencia.v. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpFiF1RDm3j>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- _____. *Cárceles en El Salvador: antes. Cárceles en El Salvador: ahora. Los resultados hablan por sí solos*. 2 mar. 2023b. Instagram: presidencia.v. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CpTk4A_DT05. Acesso em: 10 mar. 2024.
- ESPINOZA, Patrícia Luízar. O uso anacrônico das obras de Richard Wagner: subjugamento da obra pela ideologia. *O Cosmopolítico*, Niterói, v. 7, n. 1, p. 54-68, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/53833>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- FILMISNOW MOVIE BLOOPERS & EXTRAS. JAMES CAMERON'S STORY OF SCIENCE FICTION | George Lucas Clip (AMC). YouTube, 7 maio 2018. Disponível em: <https://youtu.be/Nxl3loHKQ8c>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- G1 – *Fantástico*. El Salvador: medidas extremas levaram país a deixar de ser um dos



mais perigosos do mundo. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2024/03/03/el-salvador-medidas-extremas-levaram-pais-a-deixar-de-ser-um-dos-mais-perigosos-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 6 mar. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Brasil). Ministério do Planejamento e Orçamento. *Atlas da Violência*. 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>. Acesso em: 23 mar. 2024.

LADY HORATIA. The Ugly Monster. 'Andor' and Fighting Fascism. 2023. Disponível em: <https://medium.com/theuglymonster/andor-and-fighting-fascism-3e32cf7ba4be>. Acesso em: 8 mar. 2024.

MARINETTI, Filippo Tommaso et al. *I Manifesti del Futurismo*. 1909. Disponível em: <https://archive.org/details/imanifestidelfut00mariuft/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MARX, Karl. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo. In: MARX, Karl. *O Capital - crítica da economia política: Livro I - o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. Cap. 4. p. 146-158. Trad. Rubens Enderle.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845–1846)*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. 616 p.

MASCARO, Alysson Leandro. *Filosofia do Direito*. São Paulo: Atlas, 2014.

MNEESHA GELLMAN. Jacobin Brasil. *Os salvadorenhos trocaram seus direitos por uma política de (in)segurança*. 2024. Trad. Sofia Schurig. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2024/03/os-salvadorenhos-trocaram-seus-direitos-por-uma-politica-de-inseguranca>. Acesso em: 8 mar. 2023.

PODER360. *Secretário da Cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento*. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/3lycKFW6ZHQ>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê!. *Revista Brasileira de História*, [S.L.], v. 25, n. 50, p. 61-95, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882005000200004>.

THE GLOBAL ECONOMY. *Salvador: remessas, porcentagem do PIB*. 2022. Disponível em: https://pt.theglobaleconomy.com/El-Salvador/remittances_percent_GDP. Acesso em: 23 mar. 2024.

UNIVERSIDAD CENTROAMERICANA JOSÉ SIMEON CAÑAS (El Salvador). *Biografías de los mártires UCA*. s.d. Disponível em: <https://uca.edu.sv/biografias-de-los-martires-uca>.



Acesso em: 23 mar. 2024.

VITORINO, Juliana Mércia Guilherme. *O papel das remessas familiares na economia de El Salvador: uma dimensão de gênero*. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10409>. Acesso em: 23 mar. 2024.